

BIOGRAFANDO JANE AUSTEN: NARRATIVAS SENTIMENTAIS, REVISIONISTAS E MERCADOLÓGICAS

Martha Julia MARTINS*

■ **RESUMO:** A popularidade de Jane Austen é incontestável e segue impulsionada pela venda de diversos produtos culturais ligados à sua imagem, tais como edições de luxo de suas principais obras e as adaptações de seus livros para as telas. Nesta direção, estão as biografias da autora que resgatam sua memória e nutrem a curiosidade de seus leitores. Destacam-se as biografias convencionais que versam sobre sua vida e obra e as biografias não convencionais, que entrelaçam Jane Austen a interesses diversos, tais como jardinagem e moda. Para a presente pesquisa, foram identificadas três linhas de tradição biográfica, uma de caráter sentimental ou familiar, ligada às memórias da família e interlocutores mais próximos, que resgata sua história e busca preservar uma imagem doméstica, neutralizando aspectos importantes da sua personalidade; uma segunda abordagem, de caráter mais revisionista, contextualiza Jane Austen como um sujeito histórico marcado por experiências, destacando seu interesse pela escrita; a terceira abordagem, marcada por uma lógica de *branding* e de exaltação do *self*, típicas de uma sociedade capitalista neoliberal, aproxima-se do público contemporâneo ao utilizar quadros históricos e culturais mais amplos que nuançam a autora, ao mesmo tempo em que abre espaço para especulações sobre sua vida. A pesquisa buscou compreender a popularidade da autora, entendendo Jane Austen como um produto cultural de consumo. A investigação parte de teorias sobre escrita biográfica e escrita feminina (Wagner-Martin, 1994; Gilbert; Gubar, 2020; Heilbrun, 2008; Showalter, 2009), além de um viés mais contemporâneo de gênero e da crítica literária feminista.

■ **PALAVRAS-CHAVE:** Jane Austen. Biografias. Escrita feminina.

Introdução

Jane Austen é uma das autoras inglesas mais populares na contemporaneidade. Suas obras vêm sendo adaptadas para a televisão e cinema desde o início do século XX com bastante sucesso. Nos últimos anos, com o surgimento do *streaming* de

* Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. UFPR - Universidade Federal do Paraná. DELEM - Departamento de Letras Estrangeiras Modernas. Curitiba - PR.

exibição contínua, a exemplo da Netflix, obras da autora que já tinham sido adaptadas em décadas anteriores ganharam novas adaptações voltadas para um público mais contemporâneo, como é o caso de *Emma* (2020), dirigido pela cineasta e fotógrafa americana Autumn de Wilde, e *Persuasão* (2022), dirigido pela britânica Carrie Cracknell. Somam-se às adaptações das obras de Jane Austen os inúmeros produtos comercializados inspirados na vida da autora e no período em que ela viveu, a era georgiana, tais como jogos de tabuleiro, o livro de oração de Jane Austen ou ainda um *deck* de cartas com *quiz* – todos facilmente encontrados via Google.

O fenômeno não é incomum; a escritora Agatha Christie, conhecida pela alcunha de “rainha dos romances policiais” ou “rainha do crime” virou uma marca conhecida, através das inúmeras adaptações para a televisão e cinema (Worsley, 2022), das variadas edições de seus livros e dos inúmeros produtos comercializáveis que levam o seu nome, inspirados em suas histórias, como jogos de tabuleiro e quebra-cabeças inspirados.

Para exemplificar a popularidade da autora, basta mencionar que diversas cidades no país sediariam o evento Chá com Jane Austen em 2025, iniciativa do Jane Austen Sociedade do Brasil¹, além de sessões de cinema em diversas capitais que exibiram o filme *Orgulho e Preconceito*, versão de 2005, e dos eventos acadêmicos voltados para pesquisadores em grandes universidades brasileiras e estrangeiras.²

No mesmo esteio, chamam a atenção as inúmeras biografias sobre a vida de Jane Austen atraindo leitores, entusiastas e pesquisadores interessados em saber mais sobre a escritora que morreu precocemente aos 41 anos de idade, mas que deixou um legado reverenciado por seus leitores e fãs. Embora as biografias sobre Jane Austen não sejam um fenômeno tão recente – a primeira nota biográfica sobre a autora foi escrita por seu irmão e executor testamentário Henry Austen em 1817 – chama a atenção a multiplicidade de biografias atualmente disponibilizadas no mercado editorial sobre a vida da autora.

A grande maioria das biografias sobre Austen abordam aspectos da vida pessoal e social, olhando para a sua carreira como escritora ou para o contexto político da era georgiana. A biografia da escritora estadunidense Catherine Reef (2014), por exemplo, entrelaça a vida de Austen a aspectos de sua obra, a partir de evidências contidas nas correspondências da própria Jane Austen e de seus familiares. A biógrafa alimenta mitos que vem sendo desconstruídos na literatura especializada há alguns anos, tais como a ideia de que se sabe pouco sobre a vida de Jane Austen ou a ideia de que sua escrita não é tão complexa. Para essa biógrafa, “Jane Austen escrevia numa linguagem simples e concentrava-se nos personagens” (Reef, 2014, p. 22), o que se revela impreciso, uma vez que, para muitos críticos da autora, sua

¹ <https://janeaustenbrasil.com.br/2025/11/08/cha-com-jane-austen-celebrando-os-250-anos-de-jane-austen-de-norte-a-sul-do-brasil/>

² <https://ingles.fflch.usp.br/simposio-internacional-jane-austen-250>

escrita, na verdade, é clara, inteligível, transparente, sem ambiguidades, e não deve ser confundida como simplória, conforme aponta o crítico literário Goldwin Smith (*apud* Johnson, Claudia; Tuite, Clara, 2020) que, atribui o sucesso da autora a essas características.

O pesquisador renomado John Mullan enfatiza detalhes das obras de Austen – idade dos personagens, dinheiro e classe social, jogos e atividades sociais – e explora como detalhes que podem passar despercebidos carregam alto teor de crítica social e entendimento sobre a natureza humana, revelando que nada na obra da autora aparece por acidente. Um exemplo que ilustra a desenvoltura de Austen, segundo Mullan (2014), é a forma como ela faz uso do discurso indireto livre, demonstrando controle da técnica e fazendo desse recurso algo central nas narrativas.

Além de usarem as cartas da autora, muitos biógrafos recorrem às suas obras para revelarem possíveis posicionamentos políticos ou experiências de vida que a autora possa ter tido e que pudessem ser vivenciadas através de seus personagens. Apesar desses recursos fornecerem possibilidades infinitas de informações sobre a vida de Jane Austen, é possível que acarrete em especulações infundadas, sem amparo algum em informações documentadas. Assim, ao descrever o episódio em que Jane Austen ficou noiva por menos de um dia de Harris Bigg-Wither, Paula Byrne (2018) busca na canônica obra *Orgulho e Preconceito* de 1813, (2011) evidências para o fato de Jane Austen ter rejeitado a proposta de casamento de seu rico pretendente. Na obra, Lizzy Bennet nos convida a entender as implicações de se casar com alguém repulsivo para garantir a estabilidade econômica, assim como ocorre com sua amiga Charlotte Lucas, que se casa com o herdeiro presumido dos Bennets, o inconveniente e pedante Mr. Collins. Byrne (2018) explica:

“O subtexto da rejeição por parte de Lizzy da proposta do sr. Collins é sua antipatia sexual em relação a ele. Talvez sua criadora também sentisse repulsa pela ideia de manter relações sexuais com o apatetado, esquisito e gaguejante Harris. Isso nos leva ao sexo e ao parto. Ninguém sabe o que passou pela cabeça de Jane Austen na longa noite em que ela pensou sobre o que iria significar a realidade do casamento com Harris e, em seguida, mudou de ideia, mas ela deve ter pesado todos os custos, e ir para a cama com ele decerto foi um desses custos (Byrne, 2018, p. 222-223)”.

Embora a biografia escrita por Byrne seja bastante esclarecedora, algumas extrapolações sobre os acontecimentos da vida de Jane Austen podem gerar equívocos interpretativos que podem confundir os leitores, nutrindo-os de fatos e acontecimentos que realmente não apresentam suporte factual. Além de ser impossível determinar o que se passou pela cabeça da autora, como a própria biógrafa admite, os fatores que levaram Jane Austen a negar o pedido de casamento podem ser de natureza diversa, tais como o medo de abandonar Cassandra Austen,

sua irmã, o medo de ter que abandonar sua escrita, a incompatibilidade pessoal com a maternidade, e outros inúmeros fatores de caráter puramente exploratórios e especulativos.

Nesse sentido, o presente trabalho, fruto de um recorte de um projeto de pesquisa que analisa biografias de escritoras mulheres britânicas, buscou analisar algumas das principais biografias disponíveis sobre a vida de Jane Austen. A pesquisa de caráter exploratório, bibliográfico e documental, reflete sobre o viés analítico dessas biografias, pensando os valores e as temáticas que conduzem a recontagem da história da autora, assim como reflete sobre a variedade de biografias em formatos não tradicionais que buscam retratar a vida da autora, como produtos mercadológicos de grande apelo entre o público leitor.

Neste recorte, por questões didáticas, as biografias são chamadas de: familiares ou sentimentais, revisionistas e mercadológicas. As biografias sentimentais ou familiares como o próprio nome já introduz, tratam-se de biografias escritas por familiares da autora preocupados em proteger Jane Austen e sua imagem, e consequentemente, preservar o nome da família, atrelando os Austens aos valores vitorianos de moral e conduta exímias.

As biografias revisionistas preocupam-se em desfazer mitos, situar os leitores no contexto político e social da época, aprofundar os sentidos presentes na obra, além de buscarem evidências nas cartas, livros escritos pela autora e documentação da época. Os leitores e pesquisadores de Jane Austen com bastante frequência adentram a vida da autora por essas biografias, uma vez que as biografias familiares dificilmente possuem lastro teórico e evidências históricas consubstanciadas, pois tratam-se de relatos pessoais e afetivos dos parentes que conviveram com a autora ou relatos secundários de pessoas que conviveram com Jane Austen.

As biografias mercadológicas proporcionam leitura rápida, fluida, composta de muitas imagens, enfatizando temáticas específicas, não desenvolvidas com profundidade em outras biografias. Elas atravessam a vida de Jane Austen de forma enciclopédica e episódica, abordando temas transversais e indiretos à vida da autora, como, por exemplo, moda, religião, comida, e o jardim da autora. Essas biografias partem de menções feitas por Jane Austen em suas correspondências ou em alguma de suas obras e buscam explorar essas temáticas a partir de um iniciador para que aspectos biográficos sejam explorados. Assim, por exemplo quando Jane Austen menciona, em correspondência, “*coloured gowns*”, vestidos coloridos, Hilary Davidson (2023) nos apresenta um contexto amplo sobre o tipo de roupa mencionado pela autora, contextualizando-a no tempo histórico em que a autora viveu e apresentando as lacunas que não foram preenchidas sobre a vida da autora. Esse tipo de biografia parece seguir uma tendência neoliberal contemporânea de promoção do *self* ao transformar o texto biográfico em *branding* pessoal, ao mesmo tempo que transforma a complexidade das experiências da autora em conquistas e competências individuais.

As biografias escolhidas para exemplificar a presente análise e compor o texto deste artigo são: *Uma memória de Jane Austen*, de James Edward Austen-Leigh de 1870; *Personal Aspects of Jane Austen*, de Mary Augusta Austen-Leigh de 1920; *Jane Austen at Home: A biography*, de Lucy Worley de 2022; *The Genius of Jane Austen: Her Love of Theatre and Why She Works in Hollywood*, de Paula Byrne, publicada pela primeira vez em 2002; *Jane Austen's Bookshelf*, de Rebecca Romney de 2025; *Jane Austen's Wardrobe*, de Hilary Davidson de 2023.

Biografando mulheres

A crítica literária feminista ganha força a partir dos avanços dos debates feministas e da necessidade de pensar a literatura sob a lente da experiência feminina que contesta, não apenas na literatura, mas em diversas outras práticas sociais o domínio histórico do cânone masculino, branco e ocidental da heteronorma. A crítica passa a pensar o cânone com foco no resgate de autoras esquecidas ou apagadas, influenciadas pelas teorias queer, ginocrítica e outros (Gilbert & Gubar, 2020 Showalter, 2009, Cixous, 2022).

Além de resgatar histórias e temáticas femininas, a crítica abriu espaço para revisão de mitos e clássicos da literatura ocidental, fazendo uma leitura mais atenta às dinâmicas de poder e controle em textos históricos e canônicos, e a valorização de gêneros marginalizados, tais como diários, cartas, ficção doméstica etc. Historicamente, diários e cartas serviram de refúgio intelectual para muitas mulheres que aspiravam se tornarem escritoras, sendo a forma encontrada para processarem emoções e eventos cotidianos. Antes considerados gêneros menores, as cartas, diários e demais gêneros textuais, foram alçados ao patamar de documentos históricos que ocupam status de literatura de resistência, uma vez que refletem a estética do cotidiano, do doméstico, na vida daquelas que os escrevem. Nesse mesmo caminho é possível citar as biografias que funcionam como ferramentas de reconstrução da memória cultural de escritoras e demais mulheres – sejam elas esquecidas no tempo ou não. As biografias podem ajudar a explicar por que autoras escreviam sob pseudônimo, por que escreveram uma quantidade limitada de obras ou por que escreveram sobre determinado tema. Para Carolyn Heilbrun (2008), a vida de autoras mulheres pode ser contada de várias formas:

“The woman herself may tell it, in what she chooses to call an autobiography; she may tell it in what she chooses to call fiction; a biographer, woman or man, may write her own life in advance of living it, unconsciously, and without recognizing or naming the process” (Heilbrun, 2008, p. 11)³

³ “A própria mulher pode contar a história, no que ela escolher chamar de autobiografia; pode contá-la no que ela escolher chamar de ficção; um biógrafo, homem ou mulher, pode escrever a própria vida

Heilbrun (2008) chama a atenção para o fato de que cada vez mais biografias sobre a vida de mulheres estão sendo publicadas nos últimos anos, demonstrando uma mudança de paradigma importante da sociedade contemporânea. Linda Wagner-Martin (1994) explica que tradicionalmente as biografias eram escritas para contarem sobre homens e seus feitos e as histórias contadas sobre mulheres não eram levadas a sério, eram vistas como suspeitas ou como descrições de um mundo privado, logo, inferiores. Wagner-Martin (1994, p.4) afirma que: “Women readers of women’s biographies demanded different kinds of information, and as a result, the role of the biographer changed dramatically”.⁴ A pesquisadora aponta que as discussões freudianas sobre repressão feminina e a moderna tomada de consciência sobre as questões femininas, fez com que mais mulheres sentissem necessidade de ler sobre outras mulheres.

O interesse por Jane Austen cresce a cada adaptação para a Netflix, por exemplo, e isso reflete na variedade de biografias sobre a autora, com estilos e objetivos variados, subvertendo, inclusive, o formato tradicional da escrita biográfica. Hermione Lee (2009) fala que, “all biography is an attempt to take possession of the subject (...) but some biographers are more possessed – or possessive – than others” (Lee, 2009, p. 135). É exatamente o que acontece com Jane Austen, cujas biografias ganham cada vez mais destaque, especialmente se comparada com outras autoras de renome e apreço, como Virginia Woolf ou Agatha Christie.

Na seção a seguir serão discutidas algumas biografias de Jane Austen observando características comuns a cada tipo de biografia que aqui, no presente trabalho, são chamadas de familiares ou sentimentais, revisionistas ou mercadológicas.

JANE AUSTEN NAS BIOGRAFIAS

Biografias familiares ou sentimentais

A primeira biografia de Jane Austen de que se tem registro corresponde a uma nota biográfica escrita por Henry Austen, irmão da autora, em 1818, em decorrência da publicação das edições póstumas de *A abadia de Northanger* e *Persuasão*. A nota escrita por Henry Austen nada mais é do que uma homenagem de um irmão enlutado buscando proteger a imagem da irmã falecida, especialmente aos olhos da comunidade a que ambos faziam parte. A nota é famosa por consagrar talvez um dos primeiros mitos que rondam a vida da autora: a falsa ideia de que Jane Austen viveu uma vida sem grandes acontecimentos e aventuras, “by any means a

antes de vivê-la, inconscientemente e sem reconhecer ou nomear o processo.”

⁴ “As leitoras de biografias de mulheres exigiam diferentes tipos de informação e, como resultado, o papel do biógrafo mudou drasticamente”.

life of events” (Austen apud Grandison, 2011, s/n), ou seja, uma vida sem nenhum evento.

O irmão busca ainda destacar que os interesses literários da autora são oriundos de uma criação familiar que fornecia ambiente propício para o desenvolvimento crítico de Jane Austen, excluindo qualquer possibilidade de aliar a imagem dela a uma genialidade nata, como frequentemente é usado para descrever características de autores do sexo masculino. Na verdade, Henry Austen parece reforçar a ideia de que Jane herda sua desenvoltura com a escrita literária de seu pai George Austen que tinha excelente gosto literário e era grande incentivador do consumo de literatura, pois “it is not wonderful that his daughter Jane should, at a very early age, have become sensible to the charms of style, and enthusiastic in the cultivation of her own language” (Austen apud Grandison, 2011, s/n).⁵

Henry Austen era considerado inteligente, porém instável. Mudara de profissão várias vezes e fizera alguns investimentos malsucedidos, inclusive com algumas libras que Jane Austen ganhara pela venda de *Mansfield Park*. Era o irmão mais próximo de Jane Austen, chegando inclusive a ser cuidado por ela quando passou um período enfermo (Byrne, 2018). Seu último trabalho foi dedicado à Igreja, ocupando o cargo de vigário em Chawton, e como alguém dedicado a Igreja da comunidade achou por bem tranquilizar admiradores e leitores de Jane Austen, ao escrever em sua nota biográfica que a irmã recebeu o sacramento antes de falecer e que ela conseguiu manter as faculdades da mente, sua memória e seu temperamento intactos até o último momento de sua breve vida, morrendo tranquilamente nos braços de Cassandra.

Para Henry Austen, o trabalho do biógrafo de Jane Austen seria breve, pois acreditava que sua vida não fora digna de nota; biógrafos contemporâneos discordam veementemente da opinião do irmão da autora e de todas as outras biografias de família que tentam situar Jane Austen em um espaço doméstico, confinada e alheia aos acontecimentos do mundo. Byrne (2018) aponta que a ideia frequentemente alimentada de que a vida de Jane Austen fora simplória parte de uma noção errônea do senso comum, em que “no imaginário popular, Jane Austen passou a vida quase toda sentada em um presbítero, trabalhando em seu bordado, fofocando sobre os vizinhos e escrevendo romances limitados a ‘três ou quatro famílias num vilarejo rural” (Byrne, 2018, p. 132).

Também podem ser enquadradas como biografias familiares, a biografia escrita por Mary Augusta Austen-Leigh, sobrinha-neta da autora e a biografia escrita por James Edward Austen-Leigh, sobrinho de Jane Austen, filho de seu irmão James. Ambos os textos partem de lugares afetivos, pois demonstram o respeito à memória de Jane Austen como mulher e parente, acima da Jane Austen escritora. A obra de

⁵ “Não é de se admirar que sua filha Jane pudesse, desde muito jovem, tenha se tornado sensível aos encantos do estilo e entusiasta no cultivo de sua própria língua”

James Edward Austen, escrita um pouco mais de cinquenta anos após a morte da autora, em 1870, foi responsável por acender o interesse dos leitores na vida de Jane Austen. Mesclando relato pessoal sobre sua tia, a quem chama de “minha tia Jane” ou “minha querida tia Jane”, traz lembranças muito íntimas e detalhistas de Jane Austen, como os chapéus usados por ela, as cartas trocadas com Cassandra, sua irmã e, ainda, especula que seu próprio pai, irmão de Jane, possa ter influenciado a tia na formação de seu gosto por literatura. Para ele, seu pai James:

“Era um grande conhecedor de literatura inglesa, tinha bom gosto e escrevia de maneira rápida e feliz, tanto em prosa quanto em verso. Era mais de dez anos mais velho do que Jane e teve, acredito, uma grande parte no direcionamento de suas leituras e na formação de seu gosto” (Austen-Leigh, [1870], 2021, p. 19).

A verdade é que Jane Austen cresceu sendo incentivada à leitura, ao teatro, aos passeios, à convivência em família. Os Austens são frequentemente descritos na literatura biográfica como animados, bem-humorados e leitores vorazes. Não era incomum a leitura coletiva, os encontros familiares para encenação de peças e leituras de cartas. Os Austens sabiam que Jane Austen escrevia, tendo, inclusive, o rascunho de *Orgulho e Preconceito* circulado entre a família (Byrne, 2018).

A biografia de Edward Austen-Leigh retrata de forma intimista a recepção das obras de Jane Austen, em um capítulo em especial, fazendo questão de esclarecer que só iria considerar a opinião dos verdadeiros admiradores da autora, o que demonstra carinho e respeito por sua tia. Para ele: “Nesta lista de admiradores dos trabalhos de minha tia, eu admito somente aqueles cuja eminência será universalmente reconhecida. Sem dúvida, o número deve ter crescido” (Austen-Leigh, 2021, p. 147). Ele cita nomes importantes, como o poeta Coleridge que achava as obras de Jane Austen “perfeitamente genuínas e individuais”, mas, também menciona pessoas não conhecidas, oriundas de seu convívio pessoal, o que demonstra a proximidade da escrita de Jane Austen com pessoas do seu cotidiano. Ele diz: “lembro-me de Miss Mitford dizendo para mim: ‘Eu chegaria quase a cortar uma de minhas mãos se isso me fizesse escrever como sua tia com a outra’” (Austen-Leigh, 2021, p. 148).

Na mesma direção, Mary Augusta Austen-Leigh sobrinha-neta de Jane Austen sai em defesa de sua tia após algumas críticas consideradas infundadas por ela, especialmente no que diz respeito aos quesitos relacionados a educação e convívio familiar. Essa biografia é escrita já no século XX quando a obra e vida de Jane Austen vira alvo de pesquisas e críticas literárias acadêmicas, o que Mary Augusta recebeu com bastante ansiedade. Mary Augusta repele a ideia de que Jane era confinada no ambiente doméstico, mito recorrentemente repetido, e defende que além do talento, Jane era cercada de cultura e arte. No capítulo chamado *Position* Mary Augusta parece preocupada em situar Jane Austen dentro da *gentry* ou a aristocracia rural,

explicando as origens dos Austens e sua profunda relação com a fé cristã, bem como a educação sólida de homens e mulheres daquela família. Assim, ela diz:

“It was the class to which her ancestors had for some centuries belonged and with which she had always associated (...). They were a purely English family. No admixture of Scottish, Irish or foreign blood appears in the pedigree of the Austens of Broadford, which runs back to the close of the sixteenth century. They were also a race accustomed to prize both religion and education” (Austen-Leigh, 2022, p. 7).⁶

Ela mostra que a vida de Jane Austen foi repleta de experiências e que a vida da autora não estava tão limitada ao seu mundo particular. Além disso, parece defender que Jane Austen era ligada aos valores e interesses do seu país, não se importando muito com terras estrangeiras, pois quando diz:

“At Steventon Rectory an ample supply of food for the mind, the heart, and the imagination was furnished both by public events and by private interests, and some expressions used by Jane in later years show that the girl of twelve or thirteen, whose comments on the course of English history, occurring a century or more before her own birth, we have been reading, remained to the end of her life a firm patriot and a strong believer in the superiority in the ways and the merits of her native country over those of other lands” (Austen-Leigh, 2022, p. 30-31).⁷

Em outras palavras, a sobrinha-neta de Jane Austen tenta construir uma imagem específica da autora, que talvez reflita os seus próprios valores, e não necessariamente os da tia-avó. Enquanto a biografia escrita pelo sobrinho de Jane demonstra amorosidade e proximidade com a figura da autora, mais preocupada em mostrar a familiaridade do biógrafo com a biografada, a biografia escrita pela sobrinha-neta de Jane Austen tenta situar a autora dentro de uma classe social, de um modelo de família, de um conjunto de crenças e valores, de modo a distinguir

⁶ “Era a classe social à qual seus ancestrais pertenciam há alguns séculos e com a qual ela sempre se associara (...). Eram uma família puramente inglesa. Não há qualquer mistura de sangue escocês, irlandês ou estrangeiro na genealogia dos Austen de Broadford, que remonta ao final do século XVI. Eram também uma linhagem que valorizava tanto a religião quanto a educação.”

⁷ “Na Reitoria de Steventon, havia um amplo suprimento de alimento para a mente, o coração e a imaginação, tanto por meio de eventos públicos quanto de interesses privados, e algumas expressões usadas por Jane em anos posteriores mostram que a menina de doze ou treze anos, cujos comentários sobre o curso da história inglesa, ocorridos um século ou mais antes de seu próprio nascimento, estivemos lendo, permaneceu até o fim de sua vida uma firme patriota e uma forte defensora da superioridade dos costumes e méritos de seu país natal sobre os de outras terras.”

Jane Austen e destacá-la enquanto mulher culta, advinda de família tradicionalmente educada.

Mary Augusta defende a escrita de Jane Austen e a coloca em patamar de igualdade com grandes nomes. Ela sai em defesa inclusive da obra *Lady Susan*, dedicando um capítulo inteiro para rebater críticas e expressar o valor da obra, pois para Mary Augusta, o fato de a autora ter escrito, quando jovem, sobre uma personagem inescrupulosa não é demérito para a própria Jane, pelo contrário, só mostra quão talentosa era Jane Austen, ela diz: “that she drew such a portrait once enlarges our conception of her genius” (Austen-Leigh, 2022, p. 68).⁸

Biografias revisionistas

As biografias chamadas aqui de revisionistas distanciam-se em muitos aspectos das biografias sentimentais, pois (i) são mais populares entre o público especializado e os leitores de Jane Austen, (ii), são escritas por autores renomados, como Lucy Worsley, por exemplo, escritora *bestseller*, historiadora e apresentadora da BBC Radio 4, que além de ter biografado Jane Austen, escreveu sobre Agatha Christie e a Rainha Vitória; (iii) podem ser escritas por pesquisadores e estudiosos da literatura inglesa, o que produz uma relação de confiança, pois os leitores passam a compreender tais biografias como fruto de estudo e análise documental e acadêmica.

Ao contrário das biografias sentimentais escritas no calor de críticas e no intuito de proteger o nome da família, as biografias revisionistas possuem amparo em documentos históricos, registros escritos ou imagéticos da família e conferem maior credibilidade às suas análises; (iv) podem trazer nuances que contrariam as biografias familiares, explorando outras características da escrita da autora, outras interpretações que não comungam daquilo que está arraigado no senso comum. Um exemplo muito conhecido é a propagação da ideia de que Jane Austen não teria escrito nada de teor político, e que (v) trazem perspectivas que evidenciam a vida de Austen a partir das suas obras. Embora tal perspectiva seja sempre elucidativa, novas discussões sobre a escrita da autora podem surgir.

Nesse sentido, em *The Genius of Jane Austen – Her love of Theatre and Why She Works in Hollywood*, de Paula Byrne, ainda sem tradução no Brasil, a autora analisa algumas das bem-sucedidas adaptações das obras de Jane Austen para o teatro e cinema. Byrne (2017) explica que Jane Austen surge em Hollywood em 1939 com a produção pela MGM de *Orgulho e Preconceito* às vésperas da Segunda Guerra. A biógrafa aponta que muitos encontravam consolo para enfrentar os horrores da guerra nas obras de Jane Austen. Alan Milne, por exemplo, autor da série de livros do ursinho Pooh, relatava que enquanto servia como oficial no Regimento

⁸ “O fato dela ter desenhado um retrato assim, uma única vez, amplia nossa concepção de seu gênio”

de Warwickshire, durante a I guerra, buscava conforto nas obras Austenianas. Para Byrne (2017, p. 261) “Jane Austen’s novels were clearly perceived as a morale booster, and an escape from the horrors of war”.⁹

Entretanto, Byrne explica que Hollywood só se rende verdadeiramente a Jane Austen nos anos 1990, pois foi a década que testemunhou várias adaptações e releituras de sucesso, tais como a versão de *Orgulho e Preconceito* da BBC de 1995 tendo Collin Firth como Mr. Darcy, seguida do filme *Clueless* ou *As Patricinhas de Beverly Hills*, releitura de *Emma*. No ano seguinte, *Emma* ganhou uma adaptação com Gwyneth Paltrow no papel principal, mas foi a adaptação de *Razão e Sensibilidade* de 1997, dirigido por Ang Lee que tinha Kate Winslet, Emma Thompson e Allan Rickman no elenco principal que consagrou o sucesso de Jane Austen na academia norte-americana. O filme seria indicado posteriormente para sete estatuetas do Oscar.

Byrne defende que as adaptações são excelentes portas de entrada para os romances da autora, mas levanta a questão hipotética de que se Jane Austen estivesse viva talvez não conseguisse reconhecer suas próprias obras nas inúmeras adaptações que alteram a essência dos personagens e da própria narrativa. Byrne é enfática quando aponta que:

“She would be baffled by the fact that the majority of films emphasise the romantic aspect of her novels, when her intention was to subvert and undermine the romantic. Perhaps she would be vexed that her comic genius, and precise social satire, have been subsumed by Regency frocks, beautiful houses and impeccably landscaped gardens” (Byrne, 2017, p. 274)¹⁰

As biografias revisionistas levantam questões negligenciadas pelos biógrafos da família de Jane Austen, uma vez que se distanciam da parente querida e se aproximam da Jane Austen mulher, autora, indivíduo histórico situada em um tempo e contexto específicos. A biografia escrita pela historiadora britânica, Lucy Worsley segue o mesmo propósito da biografia da Paula Byrne, pois visa olhar para aspectos pouco explorados da vida de Jane Austen e oferece uma análise detalhada das casas que serviram de pano de fundo para as histórias escritas pela autora, mas também que abrigaram a ela e sua família por toda uma geração.

⁹ “Os romances de Jane Austen eram claramente vistos como um estímulo moral e uma fuga dos horrores da guerra”.

¹⁰ “Ela ficaria perplexa com o fato de a maioria dos filmes enfatizar o aspecto romântico de seus romances, quando sua intenção era subverter e minar o romantismo. Talvez ela se irritasse com o fato de seu gênio cômico e sua precisa sátira social terem sido ofuscados por vestidos da Regência, belas casas e jardins impecavelmente projetados.”

Worsley (2022) mostra como as casas, os cômodos e objetos se relacionam com a autora e sua escrita e aponta que a questão da moradia era essencial para Jane Austen e por isso a autora mantinha como temática central em seus romances. Grande parte das cenas nas obras de Jane Austen ocorrem dentro de cômodos – festas, jantares, recepções. Entretanto, quando os personagens querem falar sobre suas emoções escolhem o ambiente externo para darem espaço para aquilo que estão sentindo. Leitores desavisados ou novatos às obras de Jane Austen podem ser levados a acreditarem que as obras da autora são primordialmente sobre a busca pelo amor, casamentos e romances, quando na verdade, Jane Austen mostra mulheres aflitas com a possibilidade de perderem seus lares e serem despejadas para qualquer lugar, basicamente estamos falando de questões sociais e de gênero em uma obra do século XIX.

Para Worsley (2022, p. 2):

“This has led people to assume that Jane herself was unhappy at home, flawed or damaged in some way. But the depressing fact is that she was just one among many spinsters of her time and position in society who had to try to feel ‘at home’ in unusual, meagre or unpleasant places”.¹¹

Os leitores e admiradores de Jane Austen consideram Steventon o solo sagrado da autora, pois é onde a história dos Austens começa e é onde Jane viveu boa parte de sua vida. Muitos associam, também, que a mudança de Jane para Bath, após a aposentadoria de seu pai tenha sido relativamente traumática para a autora, mas Worsley desconstrói essa ideia frisando que pesquisas mais recentes apontam que Jane passou pelo menos 11 anos longe de Steventon, pois durante a primeira infância era muito comum as famílias do período georgiano mandarem seus filhos para serem criados por outras famílias; posteriormente, Jane e Cassandra foram enviadas para completar seus estudos em uma espécie de *boarding school*, muito comum na época. Worsley aponta que isso talvez explique por que a mudança para Bath não a afetou tão profundamente como muitos pensam, e levanta a hipótese de que a distância entre a mãe de Jane Austen e sua filha possa ter sido gerado a partir dessa pouca familiaridade com a casa da família, o que explicaria o fato de Jane ter na irmã Cassandra uma figura materna, episódio bastante explorado pela autora em suas obras.

Chawton Cottage que hoje abriga o museu em homenagem a autora é o último lugar onde viveu Jane Austen. Worsley aponta que não há registros que expliquem o motivo de Edward, irmão rico de Jane Austen, não ter dado Chawton para as

¹¹ “Isso levou as pessoas a presumirem que a própria Jane era infeliz em casa, que tinha algum defeito ou estava danificada de alguma forma. Mas o fato deprimente é que ela era apenas mais uma entre muitas solteironas de sua época e posição social que precisavam tentar se sentir ‘em casa’ em lugares incomuns, modestos ou desagradáveis.”

irmãs e Mrs. Austen assim que o Mr. Austen morreu. Chawton passou por algumas reformas, pois sua construção data dos séculos XVII ou XVIII e o lugar costumava servir de passagem para pedestres, logo era bastante movimentado. Gerações de Austens, após o falecimento das irmãs Jane e Cassandra, confirmaram que o local era bastante respeitável e apreciado pelas Austens.

Escrever livros, ser publicada e lida deu a Jane Austen certa autonomia financeira e confiança pessoal para flunar e circular por vários lugares. Chawton deu a Jane certa mobilidade e as viagens até Londres entusiasmavam a autora. As inúmeras viagens até a capital do país, já derrubam por si só, a ideia de que Jane Austen vivia confinada e isolada da vida cidadina. Worsley (2022, p. 277) afirma que “a new current of creativity and excitement flowed through Jane’s letters home during these trips, which combined business with pleasure and shopping”¹². Assim como Byrne, Worsley tenta reconstruir os percursos de Jane Austen, de forma a demonstrar que por trás do gênio criativo da autora, existia uma mulher comum que vivia uma vida tipicamente feminina de cuidado com a família e a casa, mas que ambicionava a escrita e viver dela.

Entre as biografias revisionistas parece existir uma preocupação em situar Jane Austen em um contexto que transpunha o ambiente doméstico e demonstre que, a autora viveu significativa, contrariando o que expressava sua família. As biografias chamadas aqui de mercadológicas, em contrapartida, trazem particularidades pouco exploradas, em tom enciclopédico e que visam suprir lacunas ansiadas pelos leitores de Jane Austen – como se vestia a autora, quais eram suas flores favoritas, qual tipo de oração ela fazia, como eram as refeições no período – apenas para citar alguns temas.

Biografias mercadológicas

As biografias, entendidas aqui como mercadológicas, tergiversam a vida da autora com outros aspectos ligados à sua vida ou ao período em que ela viveu, mas que não necessariamente aprofundam sobre a vida da autora, pois a intenção primordial parece ser analisar objeto ou tema relacionado à vida de Jane Austen e não a vida da autora diretamente. Tais biografias não abordam a vida da autora de forma direta, mas desenvolvem um tema e relacionam esse tema a sua vida, aprofundando aspectos antes negligenciados sobre a vida de Jane Austen. São biografias de excelente qualidade gráfica, com bastante apelo imagético que atraem uma geração de novos leitores para as suas obras, pois discorrem sobre inúmeras temáticas, tais como moda, religiosidade e comida no período em que Jane Austen viveu. As biografias mercadológicas analisadas no presente artigo buscam trazer

¹² “Uma nova onda de criatividade e entusiasmo permeava as cartas de Jane para casa durante essas viagens, que combinavam negócios com prazer e compras.”

experiências íntimas da autora ou do período em que ela viveu, mesmo que não representem diretamente experiências de Jane Austen. O livro da historiadora australiana, especialista em roupas do período regencial, Hilary Davidson (2023), por exemplo, parte das menções de Jane Austen a roupas e vestimentas de uma forma geral e a partir disso explora cada aspecto dessa roupa, em termos de estilo, características da roupa e do período, podendo assim, compreender como a autora “negotiated taste, money, consumption practices and many more social dimensions of dress and adornment” (Davidson, 2023, p. 9).¹³ É interessante que ao mesmo tempo que pondera sobre moda, a autora reconstrói Jane Austen para além das obras e dos personagens, mostrando a mulher, o estilo, a condição financeira, sua classe social e seus interesses pessoais. Embora Jane Austen quase nunca mencione os preços de suas vestimentas, a biógrafa busca fazer um trabalho de contextualização e atualização monetária instigantes.

Como uma mulher da *gentry*, Jane Austen vestia aquilo que Davidson chama de **padrão sazonal** que alternava a cada estação do ano, por isso Austen demonstrava interesse a cada estação em roupas distintas, chegando a comentar isso nas inúmeras cartas para Cassandra. Embora seja possível traçar historicamente quando Jane Austen adquiria novas peças de roupas e acessórios, é quase impossível saber como circulavam essas roupas, como ela se desfazia delas ou para quem eram destinadas (Davidson, 2023).

Davidson (2023) chama a atenção, ainda, para o fato de Jane Austen falar muito mais sobre roupas e acessórios em cartas enviadas a Cassandra, do que sobre sua escrita e seus livros, o que leva a uma reflexão importante sobre a escrita da autora refletir outros espaços, além do seu mundo privado e doméstico, demonstrando que o espírito criativo de Jane Austen ia além de temas familiares. Embora as cartas escritas por Austen demonstrem interesse por compra de roupas, moda e acessórios, esse interesse pessoal não era explorado em sua escrita ficcional com tanta intensidade quanto a análise aprofundada dos costumes do período regencial.

O estudo de Davidson (2023) é carregado semioticamente de imagens que reproduzem a moda da época, com muitas imagens retiradas de acervos de museus ou coleções privadas, mas não necessariamente imagens de roupas que pertenceram a autora. Embora trace paralelos com a moda da época e com os gostos de Jane Austen e as mulheres que a cercavam, não é possível avançar, já que em termos documentais as únicas referências sobre vestimentas ligadas a Jane Austen estão nas cartas escritas por ela mesma. O mesmo ocorre no livro de Rebecca Romney, cujo título, em tradução livre, chama-se *A estante de Jane Austen*, publicado em 2025, no contexto das comemorações de 250 anos do nascimento de Jane Austen, mostra a preocupação em saber o que lia Jane Austen. A obra é um *memoir* da

¹³ “negociava gosto, dinheiro, práticas de consumo e muitas outras dimensões sociais do vestuário e dos adornos.”

própria biógrafa, que resgata sua experiência como negociadora de livros raros, ao mesmo tempo que explora autoras que teriam influenciado Jane Austen, como Frances Burney, Maria Edgeworth e Ann Radcliffe.

Para Romney, (2025) as referências masculinas que influenciaram a escrita de Jane Austen, amplamente lidos pela autora e sua família em ambiente doméstico, sempre estiveram disponíveis para apreciação geral – Wordsworth, Shakespeare, Sir Walter Scott – para citar alguns, mas autoras mulheres são frequentemente negligenciadas como referências femininas de inspiração para outras autoras mulheres, e nesse ponto Romney (2025) buscou preencher as lacunas que precisavam ficar mais nítidas para todos aqueles que apreciam a escrita de Jane Austen, inclusive para ela mesma. Para além do resgate íntimo sobre o que lia Jane Austen, a obra se propõe a um resgate memorialístico de outras mulheres que vieram antes de Jane Austen. Para Romney, (2025) ao elevarmos Jane Austen a categoria de autora pertencente ao cânone, não há necessidade de apagar ou esquecer outras autoras, como muitas vezes acontece; pelo contrário, ao se inspirar em outras autoras, Jane Austen elevou o gênero a uma outra categoria, dando notoriedade a essas autoras também.

Romney aponta Frances Burney como a autora favorita de Jane Austen e revela que Evelina, a história da menina órfã, seja possivelmente o romance favorito de Jane Austen, conforme evidenciado em cartas para amigos e parentes, escritos pela autora, divulgando o livro. O próprio título *Orgulho e Preconceito*, tem inspiração no romance *Cecília*, mas o que mais intriga a biógrafa é o fato de as referências e influências de Burney estarem presentes em muitos lugares da obra da Jane Austen e que apenas a leitura atenta das obras de Burney permite aos leitores de Austen compreender as entrelinhas.

Romney (2025) argumenta que as leituras feitas por Jane Austen possivelmente tinham origem nas *circulating libraries*, muito comuns no período regencial. Os Austens eram leitores vorazes e possivelmente faziam uso da biblioteca do irmão da autora, Edward Austen, em Godmersham. Para Romney (2025), Jane Austen aperfeiçoava sua escrita e seu rigor intelectual a partir da prática da escrita, da leitura constante e da inspiração em autoras mulheres (Romney, 2025).

Considerações finais

O presente trabalho buscou analisar as principais biografias disponíveis no mercado editorial que tratam da vida da autora inglesa Jane Austen. Além de descrever essas biografias, o estudo buscou compreender o viés analítico de algumas biografias e as narrativas e discursos que rodeiam a vida da autora que servem de manutenção de velhos mitos e crenças ou que avançam na discussão e situam a autora como um indivíduo histórico dotada de criatividade e agência.

As biografias sentimentais ou familiares são escritas por parentes de Jane Austen e trazem percepções íntimas sobre a autora. As biografias revisionistas buscam corrigir alguns mitos criados em torno da vida de Jane Austen, como a insinuação de seu irmão de que a vida da autora teria sido desprovida de eventos importantes. Por fim, as biografias mercadológicas são atraentes, pois abordam a vida da autora de forma transversal, didática, exemplificativa e contextual.

O presente estudo não se pretende taxativo e exaustivo, uma vez que muitas biografias não puderam ser analisadas no presente texto, mas a pesquisadora acredita que as obras analisadas servem de forma panorâmica para compreender a forma como Jane Austen é retratada ao longo do tempo e como as biografias disponíveis no mercado contribuem para perpetuar a relevância da autora, firmando-a, cada vez mais no panteão do cânone ocidental.

Como disse Virginia Woolf: “Há livros sobre toda sorte de assuntos nos quais uma geração antes nenhuma mulher poderia ter tocado. Há poemas, peças e críticas; há história e biografias, livros de viagem, livros acadêmicos e de pesquisa; há até alguns de filosofia e livros sobre ciência e economia” (Woolf, [1929], 2014, p.115). Felizmente a realidade mudou e mulheres escrevem sobre mulheres, resgatando memória, história e literatura. As biografias aqui nomeadas de familiares ou sentimentais, revisionistas e mercadológicas demonstram não apenas a variedade de biografias centradas na figura de Jane Austen, mas o terreno fértil para que mais histórias, mais pesquisa seja dedicada a escritoras mulheres. Longe de esgotar as possibilidades sobre a vida de Jane Austen, as biografias são fundamentais para compreender como a autora foi construída ao longo do tempo e das circunstâncias, além de ajudar o leitor a conseguir decodificar os subtextos e compreender as chaves para uma leitura crítica das suas obras.

Ademais, esse texto é **um viva** em homenagem aos 250 anos de Jane Austen.

MARTINS, M.J. *Biographing Jane Austen: Sentimental, Revisionist, and Commercial Narratives*. **Itinerários**, Araraquara, n. 62, p. 197-214, jan./jun. 2026.

■ **ABSTRACT:** *Jane Austen's popularity is undeniable and continues to be driven by the sale of various cultural products linked to her image, such as deluxe editions of her major works and film adaptations of her books. In this direction, there are biographies of the author that rescue her memory and nurture the curiosity of her readers. Conventional biographies, which focus on her life and work, and unconventional biographies, which intertwine Jane Austen with diverse interests such as gardening and fashion, stand out. For this research, three lines of biographical tradition were identified: one of a sentimental or familial nature, linked to the memories of family and close interlocutors, which rescue her history and seek to preserve a domestic image, neutralizing important aspects of her personality; a second approach, of a more revisionist nature, contextualizes*

Jane Austen as a historical subject marked by experiences, highlighting her interest in writing; the third approach, marked by a logic of branding and self-exaltation, typical of a neoliberal capitalist society, approaches the contemporary public by using broader historical and cultural frameworks that nuance the author; while also opening space for speculation about her life. This research sought to understand the author's popularity, viewing Jane Austen as a cultural product for consumption. The investigation draws on theories of biographical writing and women's writing (Wagner-Martin, 1994; Gilbert; Gubar, 2007; Heilbrun, 2008; Showalter, 2009; Smith; Watson, 2010), as well as a more contemporary perspective on gender and feminist literary criticism.

■ **KEYWORDS:** *Jane Austen. biographies. Women's writing.*

REFERÊNCIAS

AUSTEN-LEIGH, James Edward. **Uma Memória de Jane Austen**. Vitória – ES: Editora Pedrazul, 2021.

AUSTEN, Jane. **Orgulho e Preconceito**. São Paulo: Penguin-Companhia das Letras, 2011.

AUSTEN, Jane. **Persuasão**. São Paulo: Martin Claret, 2018.

AUSTEN, Jane. **A abadia de Northanger**. São Paulo: Penguin-Companhia das Letras, 2022.

AUSTEN, Jane. **Mansfield Park**. São Paulo: Penguin-Companhia das Letras, 2014.

AUSTEN-LEIGH, Mary Augusta. **Personal Aspects of Jane Austen**. As told by her great niece Mary Augusta Austen-Leigh. EUA: Anachron Books, 2022.

BYRNE, Paula. **A verdadeira Jane Austen**. Uma biografia íntima. Porto Alegre: L&PM, 2018.

BYRNE, Paula. **The Genius of Jane Austen: Her Love of Theatre and Why She Works in Hollywood**. EUA: Harper Perennial, 2017.

CIXOUS, Helene. **O riso da medusa**. Bazar do Tempo, 2022.

DAVIDSON, Hilary. **Jane Austen's Wardrobe**. New Hale: Yale University Press, 2023.

GILBERT, Sandra; Gubar, Susan. **The Madwoman in the Attic**. The Woman Writer and the Nineteenth-Century Literary Imagination. New Haven: Yale University Press, 2020.

GRANDISON, Charles. Henry Austen's Tribute to his Sister. **Site Jane Austen UK**, Reino Unido, 20 de junho de 2011. Disponível em: https://janeausten.co.uk/blogs/jane-austen-life/biographical-notice-of-the-author?srsId=AfmBOopgU7QoIbaCh45eh4Px3lgiLJvqI8S_36CjHPVMiuPk_vuHf3If Acesso em: 05 jan 2025.

JOHNSON, Claudia; TUIITE, Clara. **30 great myths about Jane Austen**. Reino Unido: Wiley Blackwell, 2020.

MULLAN, John. **What matters in Jane Austen?** Twenty crucial puzzles solved. Londres: Bloomsbury, 2014.

REEF, Catherine. **Jane Austen: Uma Vida Revelada**. São Paulo: Editora Novo Século, 2014.

ROMNEY, Rebecca. **Jane Austen's Bookshelf**. A Rare Book Collector's Quest to Find the Women Writers Who Shaped a Legend. Nova Iorque: Marysue Rucci Books, 2025.

SHOWALTER, Elaine. **A literature of their own**. British Women Writers, from Charlotte Bronte to Doris Lessing. Reino Unido: Virago Press, 2009.

WAGNER-MARTIN, Linda. **Telling Women's Lives**. The New Biography. Rutgers University Press, 1994.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

WORSLEY, Lucy. **Agatha Christie**. A Very Elusive Woman. Reino Unido: Hodder & Stoughton, 2022.

